

MUDANÇA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO

Projeto de artigo (TCC) a ser entregue no Curso de Especialização em Educação do Campo, do MÓDULO 5 - I Transformando a realidade: Projeto Integrado e Participativo da Educação do Campo, na Especialização em Educação do Campo. Orientadora: Cristiane Rocha Silva.

Educanda: Zenaide Trombim Taufembach

Porto Barreiro

2014

MEMORIAL DESCRITIVO DE MINHA TRAJETÓRIA FORMATIVA E PROFISSIONAL

Sou Zenaide Trombim Taufembach filha de pais camponeses. Somos dez irmãos, quatro irmãs foram professoras e eu sou uma delas onde até hoje continuo. Estou prestes a me aposentar. Entretanto, estou pensando, pois tenho muito que ensinar e aprender.

Lembro com muita saudade, o quanto era maravilhoso trabalhar em uma escola do campo. Nessa escola se conhecia todo mundo e ensinava o que eles queriam aprender e como aprendiam. Nessa época a educadora era professora, médica merendeira faxineira mãe, bem como exercia múltiplas funções. Passei por tudo isso como era bom. Contávamos com a cooperação de todos. A comunidade era numerosa. O tempo foi passando e os sistemas mudando. Minha escola também foi fechada por não atender a demanda de alunos, segundo os critérios estabelecidos pelo departamento de educação da década de 2000.

Atualmente a escola encontra-se distante da comunidade. Existe pouca participação das famílias na escola por conta dessa situação. Atribuimos a culpa aos sistemas de educação implantados, que na maioria das vezes não produzem conhecimento, apenas limitam a um processo chamado ensino e aprendizagem, pelo quais os maiores prejudicados foram os que habitam o campo.

Trabalho a mais de vinte anos como educadora nas séries iniciais e ensino fundamental. Iniciei minha vida profissional nos anos oitenta em uma escola no campo. Quando ainda estava estudando de quinta à oitava série precisei substituir minha irmã em uma escolinha próxima a minha casa, na época eu tinha dezesseis anos era menor de idade lembro-me que minha mãe havia ficado responsável por mim era contratada, quando completei dezoito anos fiz o concurso público e fui aprovada em 1982 iniciei com carteira assinada. A partir de então se iniciou minha vida profissional. Conclui o ensino fundamental e iniciei o magistério. Este curso localizava-se em outra cidade, chamado Educação a Distancia. Estudava-se em casa e ia somente fazer as provas. Tudo era muito mais difícil. Ao concluir esta etapa, sabia que estava apenas começando minha vida profissional. A partir dessa época comecei a fazer todos os encontros e cursos que apareciam em minha vida. Inclusive o da conferência Nacional

de EDUCAÇÃO DO CAMPO, (2000). Este por exemplo me favoreceu muito para ampliar meus conhecimentos sobre a educação do campo. Foi um dos cursos que contribuiu na minha participação na construção de um livro nos anos de 1997 a 2000 com tema **A Problemática dos Agrotóxicos: os saberes e a pesquisa de um grupo de professores do ensino fundamental**. Um livro sobre a **história do Município E Sujeitos “em movimento” Construindo uma nova Prática Pedagógica**. Nesse livro houve uma mudança muito grande na educação em meu município uma das marcas foi a carta de Porto Barreiro (**POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, VOL.3,200,p.54-55**).

Assim como eu, os professores do município de Porto Barreiro, depois da emancipação de Laranjeiras do sul, PR, viveram uns processos de formação continuada num convenio com a Uni centro. Este processo de formação organizou-se em dois momentos: um primeiro com cursos com conteúdos específicos nas disciplinas de matemática, História, Geografia, Ciências, Alfabetização, Teatro, Educação Especial, Municipalização da educação e Lei de Diretrizes e Bases. O segundo momento foi construído pela formação de grupos de estudos, levando em conta a afinidade de cada educador (a), por disciplinas, que se reuniam uma vez por mês e produzimos materiais que foram publicados: Um Livro sobre a história do Município, um livro sobre a Problemática dos Agrotóxicos, esta já acima citada, e uma apostila de matemática com o tema das Medidas Agrárias. (**POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, VOL.1, 2000**) Neste período, (década 2000), o Município contava com a pessoa de Ivone Posselt Kerber como secretária de educação que dava todo apoio aos professores no sentido de uma formação continuada com qualidade.

Foi a partir desses novos conhecimentos que mudei meu método de trabalho, pois antes trabalhava o método da pedagogia tradicional isto é o autoritarismo como base de aprendizagem este método estava baseado no conhecimento do professor isto é o professor era quem teria o conhecimento, o conhecimento do aluno não era valorizado assim como os conteúdos os procedimentos didáticos não havia qualquer relação com o cotidiano do aluno e muito menos com a realidade social. Lembro-me que recebia o planejamento pronto por bimestre, os conteúdos também eram prontos, e com isso, desconectados da realidade e do contexto onde os estudantes e famílias estão inseridos. Dessa maneira, nós professores recebíamos e tínhamos que cumprir, após o término dos procedimentos dos conteúdos o professor fazia a avaliação baseando-se nos conteúdos específicos que não traziam interesse algum por parte dos

alunos. O único material de apoio do professor e do aluno era o livro didático. O aluno era avaliado somente por uma única nota.

O objetivo dessa educação seria a formação do indivíduo como sujeito incapaz sem opinião própria com o intuito de tirar proveito das oportunidades que a sociedade oferecia. Assim ao receber uma educação desta natureza o sujeito apresentava dificuldade para se relacionar com o meio e ainda dificuldades para interpretar e concentrar-se e até mesmo de expressar-se com o outro, um verdadeiro bloqueio psicológico, físico e emocional.

A partir de então, criamos novas lógicas de pensar o desenvolvimento e a construção de uma concepção de educação que seja pautada pela centralidade do ser humano. Aqui tivemos o resgate de uma nova maneira de ver o mundo. Segundo Paulo Freire, "a cabeça pensa onde os pés pisam". Tratou-se de uma caminhada onde as marcas e caminhos foram sendo construídos enquanto se caminhava. E hoje tudo o que aprendi fui transmitindo na sala de aula aos meus alunos e percebia que dava certo através de suas aprendizagens. Hoje meu método de trabalho é a realidade de nossos alunos, quem faz os conteúdos e como avalia-los somos nos professores temos a liberdade de ensiná-los através do seu cotidiano. Desenvolvemos projetos levando nossos educando no campo, pois sabemos e entendemos que são do campo, e assim valorizando o que tem no campo.

Enfim, muitos anos se passaram e em 2005 conclui mais uma etapa em minha vida a tão sonhada pedagogia à distância CNS Licenciatura Plena Faculdade Vizinhança-Vale do Iguaçu-VIZIVALE/IESDE. Era mais uma superação em minha vida, mas aí veio às frustrações em relação a esse curso fiquei muito decepcionada, mas com a união de todas lutamos e fomos reconhecidas como pedagogas após concluir a complementação. Essa complementação foi reconhecida pela Portaria Ministerial n/1834 DOU 29.12.94 na Universidade Castelo Branco Realengo Rio de Janeiro.

Fiquei uns três anos sem fazer cursos apenas os encontros de formação continuada em minha cidade e região, mas estava ansiosa para fazer uma pós então apareceu à oportunidade dessa pós em Educação do campo, resolvi fazer a redação e passei, mas vimos que era por meio da internet e fiquei triste porque onde moro ainda não chegou o sinal, mas minha irmã me deu a maior força e disponibilizou a casa dela pra eu ir fazer

os trabalhos, e assim fiz, todos os dias após a aula ia a casa dela resolver meus trabalhos e postar, e não deixando atrasar as tarefas sempre postas nas datas previstas. E como eu estou aprendendo e amando esse trabalho sei que é um pouco difícil, mas é prazeroso aprender novos paradigmas da educação em especial a do campo porque é a nossa realidade a nossa cultura e os nossos sujeitos. Atualmente desenvolvo meus trabalhos a partir das propostas de desenvolvimento e Educação do campo e compreendo quais conhecimentos devem-se fazer parte da formação de nossos camponeses, rompendo algumas visões que se tem acerca da formação /educação.

O perfil do profissional que restou é esse que estamos formando ou deformando nas últimas décadas. Todos que temos experiências em cursos de magistério, de licenciatura, de habilitações em administrações, supervisão e orientação, temos experimentado, com pesar como é difícil pensar nas dimensões mais permanentes do ofício de mestre, de educadores. Como é difícil ler e debater essas dimensões. Como os futuros professores, diretores, supervisores preferem fazer, como e o que fazer, diante do novo currículo, da nova metodologia e da nova organização. Os futuros profissionais da escola e aqueles que nela trabalham internalizam a concepção: só interessa aprender o que os outros preparam para tarefas concretas, para intervenções pontuais e imediatas. A estrutura de muitos currículos dos cursos de formação e de qualificação ainda mantém essa lógica precedente. Muitos, entretanto, tentam superá-los. (ARROIO, 1999, p 04).

POEMA CACOS DE MIM.

Desde cedo aprendi

Que em todos os

Obstáculos da vida

Devemos ter Deus Em todos os lados.

E com isso foram

Abrindo as janelas

Da minha inteligência

Formando muitos cacos de mim.
No caminho que passava
Encontrava muito
Cacos do não
Mas ia descartando
Cacos do sim,
Ia juntando e abraçando.
Mas muitos cacos foram
Em vão.
Pois através da luta
Esses cacos não couberam em minha missão.
Então consegui idéias novas
Aprendi a lutar
E com os cacos do sim
Juntei todos e formei um castelo.
Nesse castelo
Apareceram dificuldades
Mas aos poucos iam desaparecendo
Em seu lugar
Surgiram realizações maravilhosas
E sonhos foram concretizados
Com os cacos dos feitos
Aprendi a compartilhar
E a participar com muitas idéias
Enfim encontrei um canteiro de oportunidades
Para ser feliz em minha profissão.
E um desses canteiros foi o projeto comunidade família e educação,

Onde aprendi que só conseguimos cacos bons

Se fizermos com vontade amor e participação

E foi assim minha vida nessa profissão

Onde aprendi muitas lições.

Agradeço a Deus por ter essa missão

De levar ao mundo a palavra Educação.

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como tema As Mudanças Históricas na Educação do Campo no Município de Porto Barreiro Considerando a relevância deste tema, esta pesquisa se desenvolveu procurando entender quais foram às mudanças realizadas sobre a educação do campo no Município acima citado. O problema a ser entendido foi como tais mudanças históricas realizadas contribuem e/ou dificultam para o processo ensino aprendizagem nas escolas do campo. Para responder a esta problemática fez-se um recorte temporal de análise dos anos de 1998 a 2013. Os objetivos desta pesquisa foram analisar, as mudanças educacionais implantadas nas escolas do campo do município de Porto Barreiro; conceituar educação do campo e refletir sobre a legislação educacional entre os anos de 1998 a 2013; analisar as diretrizes operacionais e suas relações no processo ensino aprendizagem; analisar as políticas educacionais da educação do campo e as contradições presente na esfera da política municipal e estadual a partir 2008, com a criação da Carta de Porto Barreiro. Constatou-se que é preciso investir na formação do educador oferecendo-lhe informações, capacitações, orientações e sugestões sobre a educação do e no campo.

O sistema educacional deve ser pensado por sujeitos que vivenciem a Educação do e no Campo em suas práticas pedagógicas, pois esta educação é concebida para além da escola, devendo ser direito de todos os sujeitos recebê-la no lugar em que vivem e trabalham. Fazer acontecer à escola pública do/no campo que se almeja, faz-se necessário primeiramente rever o conceito de campo, percebendo os sinais de transformações que começam lentamente a brotar através de discussões, interesses e

principalmente das lutas sociais. É necessário compreender as dinâmicas sócio-político-econômicas que o campo vem desenvolvendo, a qual requer outro olhar sobre a educação.

Para trazer o contexto de Porto Barreiro utilizou-se dos documentos da Secretaria Municipal de Educação do município, bem como dos livros que trabalham o contexto do campo no Município de Porto Barreiro, com debates e estudos sobre tal temática e tentando atender as necessidades das escolas.

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

De acordo com Caldart (1997), a educação básica do campo busca recriar o conceito de camponês, utilizando, portanto, a categoria campo como sinal significativo de tal recriação. A educação do campo refere-se, portanto, ao conjunto de trabalhadores/ as que habitam uma determinada realidade camponesa. Nesse sentido, abre-se um grande leque de povos que podem ser denominados de povos do campo, como por exemplo: os camponeses, os quilombolas, os indígenas, os pescadores, os caiçaras, os caboclos, os bóias-frias, os seringueiros, os povos da floresta, os caipiras, os peões, os lavradores, os posseiros, os sem-terra, os roceiros, os sertanejos, os mineradores, os caçadores de minério (caso dos habitantes da região do Karajás – PA), todos/as pessoas simples pertencentes a uma realidade específica. Nesse mesmo sentido, para Arroyo (1999, p. 09):

[...] os movimentos sociais são em si mesmos educativos em seu modo de se expressar, pois o fazem mais do que por palavras, utilizando gestos, mobilizações, realizando ações, a partir das causas sociais geradoras de processos participativos e mobilizadores. Nesse sentido, o movimento social do campo existe, está em movimento, inquieto. Há um movimento pedagógico do campo de renovação a partir das propostas elaboradas pelos movimentos sociais do campo, sejam os sem-terra, os povos indígenas, os pescadores (caiçaras), os lavradores, seringueiros etc. E, há uma outra renovação sendo construída a partir das propostas dos governos populares, principalmente, pelos municípios e estados governados pelo PT (Partido dos Trabalhadores), (Arroyo, 1999, p.09).

A concepção de escola do campo procura defender os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa. Segundo Fernandez (1999, p. 65) “a política de educação que está sendo implantada no Brasil, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ignora a necessidade da existência de um projeto para a escola rural”. Mas, o que vem sendo um ponto agravante, é o fator regulador da qualidade de educação vista a partir de uma ótica determinista. Um determinismo geográfico que

legítima a existência de uma concepção de que a escola urbana é melhor, superior do que a escola rural. O que seria a proposta de uma educação básica do campo?

Pode-se dizer, de acordo com Godoy do Nascimento (2003), que a educação básica do campo possui três características fundamentais: [1] é um projeto político-pedagógico da sociedade civil que busca intervir nos fundamentos da educação brasileira. Além disso, [2] é um projeto popular alternativo para o Brasil e [3] um projeto popular de desenvolvimento para a realidade camponesa. Tais projetos estão estritamente ligados ao projeto de construção de uma política pedagógica vinculada às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura dos povos do campo. Mas, é preciso ter bem claro que a educação do campo não é um resíduo em processo de extinção como querem alguns. É preciso ter claro, também, que a escola do campo é necessária para se cultivar a própria identidade do homem e da mulher do campo e que esta escola do campo pode vir a contribuir no desenvolvimento de estratégias de um projeto educativo socioeconômico desde que esteja contextualizada.

Podem-se formular cinco princípios básicos que mostram o papel da escola e a sua transformação. A primeira transformação do papel da escola refere-se, especificamente, a três compromissos que a educação do campo deve assumir. O compromisso ético/moral com a pessoa humana. O compromisso com a intervenção social que irá vincular os projetos de desenvolvimento regional e nacional. E, o compromisso com a cultura no seu resgate, na sua conservação e na sua recriação, tendo como eixo a educação dos valores baseada na educação para autonomia cultural a partir de Freire (1996) e na educação pela memória histórica a partir de Brandão (1985).

Para Brandão (1985), a segunda transformação do papel da escola diz respeito à gestão da escola como espaço público e comunitário, ou seja, a democratização do espaço escolar. Isto significa que deve haver ampliação (quantitativa e qualitativa) do acesso às escolas; participação da comunidade nas decisões sobre gestão escolar, propostas pedagógicas e políticas públicas; participação dos educandos na gestão escolar superando a democracia representativa, e, a criação de coletivos pedagógicos que pensem e repensem os processos de transformação. Assim Caldart (1997, p. 45), a respeito dos coletivos pedagógicos:

Uma das lições da nossa prática é a de que a transformação da escola não acontece sem a constituição de coletivos de educadores. Um educador ou educadora que trabalhe sozinho/a, jamais conseguirá realizar esta proposta de

educação, até porque isso seria incoerente com o processo coletivo que a vem formulando. São precisos coletivos para pensar a continuidade da luta por escolas em condições adequadas, para organizar a Equipe de Educação do assentamento ou acampamento, para planejar formas de implementação das mudanças no currículo, para refletir sobre o processo pedagógico, para estudar, para planejar e avaliar as aulas, para continuar sonhando e recriando esta proposta. Em cada local o desafio é o de encontrar a melhor forma de constituir e fazer funcionar estes coletivos.

A terceira transformação do papel da escola vem abordar a pedagogia escolar, na qual a educação popular será inserida no cotidiano escolar e no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Delors (2000), a finalidade dessa transformação é trazer, para a escola, alternativas pedagógicas que são produzidas fora do espaço escolar formal; analisar as experiências e as discussões que acontecem a respeito da renovação pedagógica; aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser.

A quarta transformação refere-se aos currículos escolares que devem se adequar no movimento da realidade que o cerca. Por isso, a princípio, deve-se retirar o conceito de que a escola é mera transmissora de conhecimentos teóricos. Mas, para isso faz-se necessário pensar um novo ambiente educativo. Num segundo momento, refletir sobre a existência do reducionismo de tendência pedagógica em ter a escola como simples espaço de memorização e de informação. Posteriormente, exigir que o currículo de uma escola do campo contemple as relações com o trabalho na terra e trabalhar o vínculo entre educação e cultura, sendo a escola um espaço de desenvolvimento cultural de toda a comunidade.

Enfim, a quinta transformação do papel da escola vem mostrar a (trans) formação dos educadores e educadoras das escolas do campo. Dois problemas são visíveis: os educadores são vítimas de um sistema educacional que desvaloriza o trabalho da docência e, principalmente, os coloca num círculo vicioso e perverso. Isso faz gerar uma consequência problemática: como vítimas constroem novas vítimas, os educandos das escolas do campo. As iniciativas específicas para educadores/as do campo são: articulação, ou seja, a criação e o fortalecimento dos coletivos pedagógicos locais, municipais, estaduais, nacionais e internacionais; qualificação ou formação escolar para os docentes leigos; e criar programas sistemáticos de formação com metodologias pedagógicas alternativas e dialógicas. O qual foi o grande diferencial da educação no Município de Porto Barreiro. Assim, de acordo com Molina (2004, p. 38),

A proposta é pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações. Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagogicamente) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico. A Educação do Campo assume sua particularidade, que é o vínculo com sujeitos sociais concretos, e com um recorte específico de classe, mas sem deixar de considerar a dimensão da universalidade: antes (durante e depois) de tudo ela é educação, formação de seres humanos. Ou seja, a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana.

E, sobretudo, trata de construir uma educação do povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele. Podemos dizer que no contexto originário da Educação do Campo há como elementos principais: o campo e a situação social objetiva das famílias trabalhadoras, com o aumento da pobreza, a degradação da qualidade de vida, o aumento da desigualdade social e da exclusão; neste mesmo contexto a situação em relação à educação: ausência de políticas públicas que garantam o direito à educação e à escola para os camponeses.

Para Molina (2004), o movimento inicial da Educação do Campo foi o de uma articulação política de organizações e entidades para denúncia e luta por políticas públicas de educação no e do campo, e para mobilização popular em torno de outro projeto de desenvolvimento. Ao mesmo tempo tem sido um movimento de reflexão pedagógica das experiências de resistência camponesa, constituindo a expressão, e aos poucos o conceito de Educação do Campo. A segunda referência para esta interlocução é a Pedagogia do Oprimido e toda a tradição pedagógica decorrente das experiências da Educação Popular, que incluem o diálogo com as matrizes pedagógicas da opressão e da cultura.

E a terceira referência pedagógica para a Educação do Campo vem de uma reflexão teórica mais recente, que estamos chamando de Pedagogia do Movimento, que também dialoga com as tradições anteriores, mas se produz desde as experiências educativas dos próprios movimentos sociais, em especial dos movimentos sociais do Campo. Desta forma, percebe-se que a Educação do Campo para ser identificada pelos seus sujeitos é preciso compreender que, por trás de uma indicação geográfica e de dados estatísticos isolados, está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas

diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais. A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se encontrem se organizem e se assumam na condição de sujeitos históricos, senhores da direção de seu destino.

CONHECENDO O MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO

O Município de Porto Barreiro teve sua emancipação política em 2005. Porto Barreiro pertencia ao município de Laranjeiras do Sul. A criação foi sancionada pela Lei Estadual nº 11.248 em 13 de dezembro do mesmo ano. O nome de Porto Barreiro surgiu de uma junção dos distritos de Porto Santana e Barreirinho, sendo que a palavra “barreirinho” passou para o demonstrativo aumentativo: “barreiro”. O nome “barreirinho” surgiu por existir uma área lamacenta no início da povoação, aonde as antas vinham beber água. Daí os primeiros colonizadores batizaram de “barreirinho”, e na emancipação mudado para Barreiro.

Porto Barreiro está localizado no 3º planalto Paranaense ou Planalto de Guarapuava. Está situada na região Oeste do Estado abaixo do Trópico de Capricórnio, numa altitude de aproximadamente 790 metros acima do nível do mar. A sede do município fica distante de Laranjeiras do Sul por 22 km, de Guarapuava 130 km, Cascavel 150 km e da capital do estado Curitiba 400 km. Possui uma extensão territorial de 353,32 Km, com os seguintes limites: ao norte Laranjeiras do Sul, ao sul Chopinzinho e Saudade do Iguaçu, a Leste Virmond e Candói, e oeste Rio Bonito do Iguaçu. O Município de Porto Barreiro é essencialmente agrícola. Grande parte da economia depende da agricultura, produção de sementes e pecuária, com terras de boa fertilidade, como dizem nossos agricultores: “aqui tudo que se planta dá”.

Para manter as tradições do povo Porto Barreirense, se faz uma reconstrução cultural adaptando ao currículo algumas peculiaridades do município, voltando-se mais para a Educação do Campo, já que é a agricultura que movimenta a região.

MUDANÇA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE PORTO BARREIRO

Com o objetivo de melhorar a qualidade educacional, Iniciou-se no município de Porto Barreiro a construção de uma proposta de formação continuada dos professores, estudantes, comunidade e família das pessoas que vivem no campo. Esta proposta teve como meta consolidar e fortalecer uma nova maneira de envolvimento e trabalho na educação da população de porto Barreiro. Esta dinâmica marcou a história da Educação do Campo no município acima citado.

“Fortalecer e consolidar uma educação que garanta a participação das educadoras e educadores, dos educandos e das educandas em todas as instâncias (...)” Fomentar pesquisas sobre as novas praticas pedagógicas que estudamos desenvolvendo-as nos diferentes níveis de ensino do campo, bem como, sobre as experiências comunitárias de organização social, política, econômica, cultural e ambiental ...” (POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO. APUD. SUJEITOS “EM MOVIMENTO Construindo uma nova pratica pedagógica)

Neste contexto de mudanças a administração municipal de 2005 provocou os educadores para assumir uma nova mudança da pratica e na teoria. *“Trabalhar a educação na perspectivas da elaboração de um projeto popular de desenvolvimento do campo.”* (POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2000, p.54).

A formação de educadores acostumou-se a possibilidade que respondam às questões práticas do dia- a –dia da escola e da sala de aula, quando não recebemos receitas para as atividades que devem dar conta nas questões de ensino aprendizagem. Dentro do município pesquisado foi colocada a proposta de superar a tradicional formação dos professores numa perspectiva de uma formação continuada e voltada para o campo.

“O perfil de profissional que restou é esse que estamos formando ou deformando nas últimas décadas. Todos que temos experiências em cursos de magistério, de licenciatura, de habilitações em administração, supervisão e orientação, temos experimentado, com pesar, como é difícil pensar nas dimensões mais permanentes do ofício de mestre, de educadores, como é difícil ler e debater sobre essas dimensões, como os futuros professores, diretores, supervisores preferem saber o como e o que fazer, diante do novo currículo, da nova metodologia e da nova organização. Os futuros profissionais da escola e aqueles que nela trabalham internalizaram pontuais. A estrutura de muitos currículos dos cursos de formação e de qualificação ainda mantém essa lógica precedente. Muitos, entretanto, tentam superá-la. (ARROYO, 1999, p.04).

Desenvolveu-se a partir de dois grandes eixos: Eixo 1-construção de uma proposta de desenvolvimento e Educação do Campo que teve como meta iniciar no ano de 2006 a construção de uma proposta de educação que articulasse a perspectiva

do desenvolvimento Multidimensional e da Educação do Campo. E o eixo dois Projeto de vida e Profissional que buscou envolver/os/as educadores/as num processo que tratasse de suas angústias e demandas enquanto pessoas e profissionais.

Articular os saberes locais, os costumes e tradições das diferentes culturas presentes no campo e as novas praticas sociais do paradigma da agricultura familiar/camponesa e o conhecimento sistematizado, específico da escola e do ensino.

Um oficio tornado público, situado no campo dos direitos. Quem não constatou que todas as escolas são tão próximas em lugares tão distantes, em formações sociais tão diversas? Os tecidos do desenvolvimento humano, da cultura e do conhecimento são tão próximos! E o oficio de mestre também. (ARROIO, 1999, p.01). "Educar não é mera transferência de conhecimento, mas sim conscientização e testemunho de vida. É libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidade" (MESZÁROS, 2005, p 13).

Sendo assim, não basta ter escolas no campo; queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com projeto político-pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo.

É preciso ter a clareza da diferença entre escola no campo e escola do campo. A escola no campo representa uma proposta de construção de uma pedagogia, tomando como referências as diferentes experiências dos povos do campo. A escola do campo deve proporcionar conhecimento aos sujeitos, rompendo com a visão de que o campo é um lugar de produção da monocultura e da pecuária, que se deve produzir para vender. Portanto, a instituição escolar pode fortalecer a visão de que o campo é espaço de vida, que a diversidade da produção na propriedade é possível. Dessa forma nos apresenta o trecho a seguir:

"Antigamente as famílias que viviam no campo, ensinavam a seus filhos como produzir, ou seja, ensinavam a plantar e colher os frutos que alimentaria a família". Hoje muitos filhos de agricultores não sabem o que é pôr uma semente na terra, pois encontram todos os alimentos prontos. "(PCFE, 2007, p.3).

A construção desta proposta foi coletiva com toda a comunidade escolar e seus entorno para uma elaboração popular que venha contemplar a todos os sujeitos do campo no município de Porto Barreiro onde a população é de 98% do campo e o restante dos 2% vivem da agricultura camponesa .

Nossa proposta é pensar a Educação do campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de luta de suas organizações. Isto quer dizer que se trata de pensar a educação (política e pedagógica) desde os interesses sociais, políticos, culturais de um determinado grupo social; ou trata-se de pensar a educação (que é um processo universal) desde uma particularidade, ou seja, desde sujeitos concretos que se movimentam dentro de determinadas condições sociais de existência em um dado tempo histórico. (CALDART, 2002. p. 37).

Vincular a educação do campo com seus sujeitos mostrando que a formação do sujeito vem de sua base, de onde ele vive ao são feito seus encontros sociais como na comunidade, nas festividades, nas reuniões das mães. Que a sua subsistência vem do campo e que o campo não é o lugar de atraso e sim um lugar onde se tem uma cultura vinculada a ela. *“O homem do campo foi concebido como de atraso, e a política educacional se organizava em conformidade como os interesses capitalistas predominantes em cada conjuntura”.*(SOUZA,2008,p.1093)

Em anos passados vinculava-se a formação para o sujeito do campo apenas em escolas agrícolas nestas novas propostas coloca-se que o sujeito do campo também tem a sua ideologia, sua cultura que deve ser vinculada ao campo trazendo para ele desde a sua base na educação básica trazendo para perto dele a educação do campo para o campo.

“Outro grande desafio é pensar numa proposta de desenvolvimento e de escola do campo que se leve em conta a tendência de superação da dicotomia rural-urbano, que seja o elemento positivo das contradições em cursos, ao mesmo tempo em que resguarde a identidade cultural dos grupos que ali produzem sua vida. Ou seja, o campo hoje não é sinônimo de agricultura ou de agropecuária; a indústria chega ao campo e aumentam as ocupações não agrícolas. Há traços culturais do mundo urbano que passam a ser incorporados no mundo de vida rural, assim como há traços do mundo urbano camponês que voltam a ser respeitados, como forma de resgate de alguns valores humanos sufocados pelo tipo de urbanização que caracterizou nosso processo de desenvolvimento... Neste sentido, uma escola do campo não precisa ser uma escola agrícola mas será necessariamente uma escola vinculada á cultura que se produz através de relações sociais mediadas pelo trabalho na terra”.(FERNANDES,CERIOLE e CALDART,2004,p.52)

A educação do sujeito é um direito dele constituído em lei, onde a ela deve ser voltada para adequação dentro de uma proposta para o campo.

“A escola é um direito de todas as pessoas. Ela tem um papel educativo específico no mundo moderno, a ponto de que quem não passa por ela fica hoje efetivamente em condição social

desigual. Mas reconhecer isso não é absoluto a educação escolar, como se apenas ela conta se na vida das pessoas e, pior, considerar a escola como referência única para pensar todos os processos formativos. Isso é um reducionismo, enganoso do que de fato é a realidade da própria sociedade capitalista. (SANTOS, SOUZA, 2007, p.212)

A construção do Projeto Político Pedagógico das escolas se torna uma necessidade na medida em que a reflexão sobre o desenvolvimento e Educação do Campo passa a tomar corpo no debate das comunidades e a formação dos educadores.

“Este é o ponto principal para o bom funcionamento e andamento das atividades um Projeto Político Pedagógico construído a partir da realidade local, com a participação de toda a comunidade escolar”. Mas não basta ter um Projeto Político Pedagógico contemplando todas as particularidades que se tem na Educação do campo. Se este não for colocado em prática. EDUCAÇÃO DO CAMPO, VOL.3, p.58.

SISTEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA – PROJETO: RESGATE CULTURAL DO EDUCANDO DA ESCOLA MUNICIPAL PADRE ANTONIO GALLO

INTRODUÇÃO

A relação entre campo e cidade é simplesmente fundamental, um não vive sem o outro. Apesar de serem diferentes, um depende do outro para alcançar o desenvolvimento tanto social quanto tecnológico.

Quem vive no campo é diferente de quem vive na cidade. Quem vive no campo tem uma ligação muito forte com a terra, se apropriam da terra para criar animais e para produzir alimentos. Sem a natureza nós não temos nada, tudo vem da natureza. Por isso devemos cuidar e valorizar mais o meio onde vivemos. O modo de vida urbano e rural é bem diferente. Na cidade é bem movimentado e no campo é bem mais tranquilo. As pessoas da cidade poderiam começar a aprender a valorizar mais a natureza, o campo, como as pessoas do campo valorizam. Da mesma maneira em que o campo precisa da cidade, a cidade precisa do campo. Os dois se juntam se interagem, um dentro do outro. Este projeto ajuda a melhorar a capacidade de vida, integrando assim, alunos que possam ajudar a fazer isso.

Então a cidade ajuda o campo com tecnologia, saúde, educação e vários outros e assim, o campo retribui com sua comida, o meio ambiente, cultivando seus produtos

com qualidade. Isso promove uma parceria entre os dois, e assim sendo, um precisa do outro para sua sustentação de vida.

O Projeto Campo e Cidade buscam incentivar os alunos a preservar o que o campo tem para oferecer, bem como, o conhecimento de formas e objetos utilizados para garantir a sobrevivência, possibilitando essa integração com o campo, seu passado e presente, permitindo aos alunos trabalhar com esta condição.

Sendo assim, busca-se com este projeto, apresentar os dois lados: o lado da vida na cidade e a vida no campo, abordando questões relacionadas ao passado e ao presente. Pretende-se conhecer mais sobre o campo, mostrar os dois lados, como a natureza é importante para a vida humana, percebendo que no campo as pessoas vivem plantando para comer, para viver, vive muito mais próximos com a natureza, animais e plantas.

JUSTIFICATIVA:

O projeto tem por objetivo a valorização das pessoas que vivem no campo, pois vem seguidamente acontecendo êxodo rural, isso faz com que as propriedades fiquem cada vez mais vazias, ou seja, ficando no campo só as pessoas de mais idade e os jovens indo para as grandes cidades, que muitas das vezes acabam se instalando em favelas, alguns ainda conseguem retornar para a suas origem e outros não conseguem mais ter uma vida como tinha. Por isso faz-se necessário um trabalho de conscientização e buscando realmente conhecer as vantagens que o campo dá ao homem que vive no campo. O presente trabalho é desenvolvido através de aula investigativo despertando o interesse dos alunos, por meio de observação, buscando no coletivo a construção das atividades, dando um sentido maior nas ações praticadas, envolvendo a família, comunidade, estudantes e professores.

OBJETIVO GERAL da atividade na escola:

- ✓ Conscientizar os alunos que a vida no campo é saudável, valorizando lugar onde se vive.

OBJETIVO ESPECIFICOS:

- ✓ Visitas às propriedades rurais para conhecer a diversidade de plantações da localidade, seus costumes, sua cultura própria;

- ✓ Comparar a vida no campo e na cidade;
- ✓ Pesquisar a vida de antigamente e dos dias atuais;
- ✓ Valorização do homem que vive no campo despertando admiração e percebendo inclusive a interdependência campo e cidade.

METODOLOGIA:

- ✓ Através de pesquisa com a família, buscar informações quais os tipos de plantações são feitas, em que época do ano.
- ✓ Respondendo o questionário como é a vida no campo e na cidade
- ✓ Aula investigativa (visita a uma propriedade)
- ✓ Registrar em gráficos (o que mais chamou atenção, trabalhar de acordo com o interesse do aluno, o que já conhece, o que gostaria de conhecer)

DESENVOLVIMENTO:

Parte inicial: Ler. Copiar e ouvir a música: Meu Reino Encantado do cantor Daniel. (Letra disponível em anexo III) A letra aborda questões relacionadas a objetos utilizados pelos camponeses como meio de sobrevivência. Dentre estes objetos podemos citar: Forno de lenha, pomar, pilão, tralhas que papai usava espiga de milho, galinhas, carro de boi, juntas de bois, cangas, canzís, pé de figueira, cercado pra apartar bezerras, lavoura, tapera velha, etc. Parte dois: ouvindo a música e prestando a atenção na letra, os alunos por meio de recortar e colagem realizaram um mural utilizando figuras que tivessem relação com a letra da música.

Parte três: resolução dos questionamentos: (anexo II)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos enfim que para resgatar e construir uma identidade do homem e da mulher do campo é necessário que haja mudanças culturais e comportamentais. A educação do/no campo enquanto fundamento histórico recria o conceito de camponês, utilizando o “campo” como símbolo significativo, referindo-se assim, ao conjunto de trabalhadores que habita no campo.

Na prática, os trabalhadores rurais precisam quebrar os preconceitos, no sentido de mudar a visão que a sociedade brasileira tem em relação a eles próprios e neste

contexto, as escolas existentes no campo, fora do âmbito dos assentamentos e acampamentos, poderão contribuir com a mudança de paradigma, contribuindo com as lutas por melhorias na educação e na vida no campo.

Apesar dos avanços em vários aspectos, a exemplo de leis, métodos pedagógicos e ou materiais didáticos, ainda há muito que se construir para que se tenha uma educação de qualidade também para os cidadãos que vivem no campo.

A partir de minha experiência e vivência das Políticas na educação no campo percebemos que se torna necessário rever os objetivos e avaliar as práticas pedagógicas para tornar a escola do/no campo um lugar de humanização das novas gerações. Fazer sujeitos conscientes, que projetam com responsabilidade seu espaço-lugar para partilhar o que pensam, gerando conhecimento mútuo.

Neste sentido, necessitamos trabalhar os conteúdos que são básicos na vida do campo, para que não fiquemos apenas nos conteúdos específicos de vida urbana. Devem-se trabalhar em conjunto os conteúdos específicos com conteúdos próprios da realidade do campo, para que os alunos possam colocar em prática e relacioná-los com sua prática de vida. Nesse trabalho diferenciado é possível abranger todas as disciplinas, sempre trazendo para a prática do campo. Considerando que a prática é um aspecto importante, não se pode pensar a metodologia como simples conjuntos de técnicas elaboradas para atingir metas determinadas que possam ser seguidas mecanicamente. Assim, para todo o conteúdo específico deve-se partir de um conhecimento extraído da realidade, do cotidiano, da vivência do educando. O professor deve concretizar as reflexões dos alunos, através de transformações dos conteúdos pedagógicos necessários para a aprendizagem em atividades significativas.

Referencias Bibliográficas

Fundamentos da Escola do Trabalho. / Pistrak. Tradução. Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2005.

Experenciando a Educação do Campo. / Organizadores: Maria Isabel Farias; Valentim da Silva; Douglas Hamermuller Ortiz; Edina Vergara; Lourival de M. Fidelis; Maurício Cesar Vitória Fagundes; Silvana Cassia Hoeller. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

Sujeitos “em Movimento” Construindo uma Nova Prática Pedagógica. Organizadores: Cecília Maria Ghidini; Eliane M. Dal Moro; Fabiana da R. Santos; Irene T. Morelli; Liane

Mognon Pereira; Marisa M. Belloni; Marlei R. Panatto. Porto Barreiro: Gráfica Mariner Ltda., 2007-2008.

Gestão Democrática da Educação do Campo. / Organização: Ana Christina Duarte Pires; Diomar Augusto de Quadros; Edmilson Cezar Paglia; Maximiliano Stersa Budke; Nara Ângela dos Anjos; Silva Cassia Hoeller. Curitiba: UFPR Litoral, 2010.

Um Processo inovador na Educação do Campo: alguns olhares. / Silvana Cassia Hoeller; Maurício César Vitória Fagundes; Cecília Maria Ghedini. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

Projeto Político Pedagógico. / do Departamento Municipal de Educação, Esporte cultura e Turismo – Educação Infantil e Ensino Fundamental. Porto Barreiro: 2012.

Arroyo, M. G. **Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educação.**

ARROYO, Miguel Gonzales, CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Mônica Castagna

(organizadores). Por uma Educação do Campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Práticas Pedagógicas em educação do Campo/Organização: Edmilson Cezar Paglia; Ana Cristina Duarte Pires; Augusto de Quadros; Maximiliano Stersa Bucke; Nara Ângela dos Anjos; Silvana Cassia Hoeller. Curitiba: UFPR Litoral, 2010. 127 p. II.

MÉSZÁROS. I.A educação para além do capital .Tradução de Isa Tavares .São Paulo: Boitempo, 2005.

ANEXO I

CARTA DO PORTO BARREIRO

Na primavera de 2000, de 02 a 05 de novembro, estiveram reunidos em Porto Barreiro, Estado do Paraná, 450 educadoras e educadores, dirigentes e lideranças de 64 municípios, representando 14 organizações (movimentos sociais populares, sindicais, universidades, ONGs e prefeituras), para refletir a respeito das realidades do campo e trocar experiências sobre os processos educativos. Nesta troca de experiências, constatamos que muitas das dificuldades, que enfrentamos para implementar uma educação de qualidade no campo, são frutos das políticas governa- mentais que

excluem o campo do desenvolvimento nacional. Esta exclusão é parte de um projeto maior que as elites brasileiras estão implementando, por meio de um modelo de desenvolvimento, que privilegia a agropecuária capitalista em detrimento da pequena agricultura, agricultura familiar e camponesa. Este modelo não pretende enfrentar um dos maiores problemas brasileiros: a concentração fundiária, atendendo ainda às políticas neoliberais do FMI e do Banco Mundial.

O Paraná é conhecido e reconhecido por seu grande potencial agrícola e pela riqueza na diversificação da produção, sendo privilegiado pelas suas condições climáticas, hídricas, mineral, pela qualidade de seu solo e pela diversidade de seu povo. Entretanto, pobre em políticas agrárias e agrícolas voltadas para os reais interesses e necessidades das populações do campo. Neste contexto, a maior parte da população do campo sofre com a ausência de Políticas Públicas adequadas para suprir suas demandas. Além do impedimento do acesso à terra, há grandes dificuldades para conquista de uma política agrícola e de infra-estrutura básica para o campo. Inexiste na maioria dos municípios: eletrificação do campo, saneamento básico, telefonia, transporte coletivo, saúde, escolas, correios, centros de cultura, esporte e lazer. Essa ausência de Políticas Públicas dificulta sobremaneira a construção de uma educação de qualidade pelos povos do campo (pequenos agricultores, agricultores familiares, camponeses, assentados, sem-terra, posseiros, assalariados, vileiros, indígenas, quilombolas e atingidos por barragens). Na inexistência das políticas públicas, nasceram diversas experiências que estão construindo propostas de uma educação do campo. Em todas estas experiências há um compromisso comum: a valorização do Desenvolvimento Humano, essencial para a consolidação do Projeto Popular para a nação brasileira. Para continuarmos construindo este projeto, nós, educadoras e educadores do campo, assumimos os seguintes compromissos: . Trabalhar, em todas as instâncias, a construção de um Projeto Popular para o Brasil; Trabalhar a educação na perspectiva da elaboração de um Projeto Popular de Desenvolvimento para o campo; .Fortalecer a Articulação Paranaense; “ Por uma Educação do Campo”, criada na II Conferência Estadual: “Por uma Educação Básica do Campo”; Fortalecer e consolidar a Articulação garantindo a participação das educadoras, dos educadores, das educandas e dos educandos em todas as instâncias; Promover diversas oportunidades de realização de convênios, trabalhos e atividades interinstitucionais para troca de experiências, reflexões teóricas e metodológicas sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas várias entidades que integram a Articulação

Paranaense: “ Por uma Educação do Campo”; .Dialogar com os governos do Campo Democrático, na perspectiva de implementar, nos municípios, uma política de educação do campo , a partir de experiências metodológicas e políticas bem sucedidas realizadas por outras administrações; .Trabalhar a valorização e a auto estima dos povos do campo, desde a sala de aula e por meio de encontros, seminários, eventos culturais e publicações; .Criar inúmeras oportunidades de formação e reflexão sobre a importância dos Valores Humanos para a construção do Projeto Popular para o Brasil; .Fomentar pesquisas sobre as novas práticas pedagógicas que estamos desenvolvendo nos diferentes níveis de ensino no campo, bem como, sobre as experiências comunitárias de organização social, política econômica, cultural e ambiental; .Comprometer as universidades públicas para que elas assessorem as iniciativas dos movimentos populares e desenvolvam ações de ensino, pesquisa e extensão que promovam a qualidade de vida dos povos do campo; .Priorizar e incentivar os estudos, as leituras, as reflexões para promover os conhecimentos científicos e culturais: patrimônios da humanidade; Ampliar a capacidade de articulação para organizar as demandas, propor e executar políticas públicas específicas para os diferentes níveis e modalidades da Educação do Campo e Organizar a III Conferência Estadual;” Por uma Educação do Campo”. Para continuarmos construindo este novo projeto, nós, educadoras e educadores do campo, assumimos o compromisso de lutar pelas seguintes ações: Criação do Curso de Pedagogia da Terra no Estado do Paraná; Promover o intercâmbio das experiências em desenvolvimento para um maior conhecimento dos projetos, objetivando suas ampliações; Realizar seminários microrregionais para troca de experiências e discussão teórica e metodológica da Educação Básica do Campo; Organizar seminários de formação de formação técnica e política com o objetivo de dimensionar os conhecimentos a respeito das legislações educacionais e encaminhar soluções para o reconhecimento das experiências da Educação do Campo; A Articulação Paranaense: “Por uma Educação do Campo” deve reivindicar sua representação no Conselho Estadual de Educação; A Articulação Paranaense: “Por uma Educação do Campo” deve também reivindicar sua representação nos conselhos municipais de educação e Desenvolver esforços para integrar as organizações que ainda não participam da Articulação. Assinaram a Carta: APEART, ASSESOAR, CRABI, CPT, CRESOL-BASER, CUT, DESER, Fórum Centro, Fórum Oeste, MST, Prefeitura Municipal de Porto Barreiro-PR, Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão-PR, Setor de

Educação da UFPR, Departamento de Serviço Social da UEL, UNICENTRO e UNIOESTE.

ANEXO II

- ✓ O que temos no campo?
- ✓ O que vemos na cidade?
- ✓ Qual é a importância de se produzir seus próprios alimentos?
- ✓ Quais os benefícios do homem que vive no campo?
- ✓ O que a cidade pode nos oferecer?

ANEXO III

Meu Reino Encantado

Daniel

Eu nasci num recanto feliz
Bem distante da povoação
Foi ali que eu vivi muitos anos
Com papai mamãe e os irmãos
Nossa casa era uma casa grande
Na encosta de um espigão
Um cercado pra apartar bezerro
E ao lado um grande mangueirão
No quintal tinha um forno de lenha
E um pomar onde as aves cantavam
Um coberto pra guardar o pilão
E as traíças que papai usava
De manhã eu ia ao paiol
Um espiga de milho eu pegava
Debulhava e jogava no chão
Num instante as galinhas juntava
Nosso carro de boi conservado

Quatro juntas de bois de primeira
Quatro cangas, dezesseis canseis
Encostados no pé da figueira
Todo sábado eu ia na vila
Fazer compras para semana inteira
O papai ia gritando com os bois
Eu na frente ia abrindo as porteiras.
Nosso sítio que era pequeno
Pelas grandes fazendas cercado
Precisamos vender a propriedade
Para um grande criador de gado
E partimos pra a cidade grande
A saudade partiu ao meu lado
A lavoura virou coloniã
E acabou-se meu reino encantado
Hoje ali só existem três coisas
Que o tempo ainda não deu fim
A tapera velha desabada
E a figueira acenando pra mim
E por ultimo marcou saudade
De um tempo bom que já se foi
Esquecido em baixo da figueira
Nosso velho carro de boi..